

A CULTURA COMO INSTRUMENTO DE POLÍTICA PÚBLICA DE INTEGRAÇÃO E FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE SUL-AMERICANA

La Cultura como Instrumento de Política Pública para la Integración y el Fortalecimiento de la Identidad Sudamericana

DOI 10.55028/geop.v19i37.21646

Suzana Mendes Dias*
Ana Paula Araujo**

Resumo: Este artigo busca analisar a cultura como instrumento de política pública fundamental a construção territorial integrativa e identitária da América do Sul. A análise recai sobre o Festival América do Sul, evento realizado anualmente pela fundação de Cultura do estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira Brasil - Bolívia, entre Corumbá – Ladário e Puerto Quijarro – Puerto Suárez. A metodologia da pesquisa é qualitativa. A base de dados é de natureza primária, com aplicação de entrevistas semiestruturadas e análise documental. Os resultados indicam que o Festival América do Sul, ao longo de suas dezesseis edições, contribui para o fortalecimento da identidade sul-americana e fronteiriça e, em certa medida, para a integração do continente.

Palavras-chave: Cultura, identidade, Fronteira, América do Sul.

Resumen: Este artículo busca analizar la cultura como instrumento de política pública fundamental para la construcción territorial e identitaria integradora de América del Sur. El análisis recae en el Festival de América del Sur, un evento que realiza anualmente la Fundación Estatal de Cultura del estado de Mato Grosso do Sul, en la frontera Brasil-Bolívia, entre Corumbá – Ladário y Puerto

Introdução

Este artigo discute a perspectiva cultural da geografia fronteiriça sul-americana. Tem por objetivo analisar a cultura como instrumento de política pública voltado para a integração regional e o fortalecimento da identidade territorial.

Richard (2014) analisa o conceito de integração e afirma que, embora fundamental, ha uma multiplicidade de interpretações e de definições, nem sempre convergentes, que provocam inconsistências e distorções no que se entende por integração. Desde a concepção de que integração é fruto de negociações entre Estados e pressupõe a criação de instituições internacionais regionais que elaboram e executam os

* Administradora de Empresas, especialista em Administração da Informação como Inteligência Competitiva. Mestre em Estudos Fronteiriços (UFMS/CPAN). E-mail: admsuzanamendes@gmail.com.

** Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Coordenadora do Laboratório de Estudos Rurais e Regionais FAENG/UFMS. E-mail: anapaula_rj@yahoo.com.

Quijarro – Puerto Suárez. La metodología de investigación es cualitativa. La base de datos es de carácter primario, con la aplicación de entrevistas semiestructuradas y análisis de documentos. Los resultados indican que el Festival de América del Sur, a lo largo de sus dieciséis ediciones, contribuye al fortalecimiento de la identidad sudamericana y fronteriza y, en cierta medida, para la integración del continente.

Palabras clave: Cultura, Identidad, Frontera, América del Sur.



instrumentos para esta integração, até aqueles que concebem integração como uma associação entre as elites econômicas dos países visando benefícios que nem sempre convergem aos interesses dos Estados nacionais (Richard, 2014, p. 21).

De qualquer forma, há um consenso de que integração pressupõe a primazia do coletivo (Rhein, 2002). Portanto, um conjunto de países em prol de um objetivo comum que fortaleça o todo.

O conceito de região, por outro lado, é mais estável, e pode ser definido como um subsistema espacial diferenciado, com arranjos sociais específicos e únicos (Becker, 1997; Araujo, 2006). Conforme Castro (1992, p. 32) “a região é justamente a expressão das diferenciações do processo de produção do espaço; as diferenças se combinam, mas permanecem como diferenças”.

Nesta perspectiva, integração regional é aqui entendida como o processo de cooperação, de construção e de implementação de ações, sociais, políticas, econômicas, ambientais e/ou culturais, em prol do fortalecimento territorial do conjunto dos países que formam uma determinada região.

A dimensão cultural é importantíssima no processo de integração regional, pois, expõe e ressalta os vínculos de pertencimento que configuram uma identidade comum, e com isso, reforça os laços de solidariedade existentes. Além disso, a cultura contribui

para o fortalecimento econômico através de atividades que promovam o encontro entre as pessoas, como os eventos e o turismo.

Não por acaso, a vida contemporânea exalta os eventos culturais que reforcem identidades sócio-territoriais e regionais e, ao mesmo tempo, dinamizam a economia. Como afirma Harvey (1994, p. 258), a pós-modernidade é marcada pelo aumento no consumo de serviços, não só pessoais, como também de diversão de espetáculo, eventos e distrações, pois, promovem trocas, criam conexões e fortalecem vínculos.

Os eventos produzem espaços culturais privilegiados por fortalecer e nutrir a rede de relações sociais vitais para a existência humana (Corá; Soares; Filardi, 2019). Trazem a tradição e, ao mesmo tempo, se abrem para o novo, possibilitando a consolidação e/ou re/negociação de identidades por meio de novas experiências de pertencimento, de novas representações simbólicas e de novos significados.

São inúmeros os exemplos na América do Sul. Destacamos o *CineSur – Festival de Cinema Sul-Americano* que acontece em Bonito (Mato Grosso do Sul, Brasil), o *Fronte(i)Ra – Festival Binacional de Enogastronomia*, que acontece entre Sant’Ana do Livramento (Rio Grande do Sul, Brasil) e Riviera (Uruguai), o *Fronteira Cultural*, entre as cidades de Pacaraima (Roraima, Brasil) e Santa Elena de Uairén (Venezuela), o *Festival La Fronteira* que envolve a região da tríplice fronteira, Barracão (Paraná, Brasil), Dionísio Cerqueira (Santa Catarina, Brasil) e Bernardo de Irigoyen (Argentina).

Neste artigo, a análise recai sobre o Festival América do Sul, evento cultural anual, organizado pela Fundação do Estado de Cultura de Mato Grosso do Sul, desde 2004, nas cidades de Corumbá e Ladário, no Mato Grosso do Sul, Brasil e Puerto Suárez e Puerto Quijarro, na Província de Santa Cruz, Bolívia. Como a cultura tem uma dimensão política e envolve relações de poder, o festival é pensado como uma forma-conteúdo, um território, que se estrutura e se reestrutura, ao longo dos anos, de acordo com os interesses dos diferentes governos que passaram pela administração do Estado de Mato Grosso do Sul. Notadamente, os governos de Zeca do PT, André Puccinelle e Reinaldo Azambuja que, a frente da Fundação de Cultura do Estado, imprimiram marcas distintas na condução do festival sem, contudo, alterar o espaço cultural produzido.

A metodologia do trabalho, entendida como caminho da pesquisa na produção do conhecimento, é de natureza qualitativa e envolve um conjunto de procedimentos na busca de respostas ao objetivo estabelecido. A pesquisa é exploratória, alinhando investigação teórica com análise de campo e documental. Os procedimentos metodológicos foram realizados em etapas.

A primeira etapa metodológica que norteou a pesquisa foi à revisão bibliográfica, apontada por Gil (1999) como base para o aprofundamento teórico-conceitual. Nessa etapa houve leitura de livros, dissertações e artigos científicos sobre a temática proposta. Foi realizada uma leitura exploratória, que teve o objetivo de verificar em que medida a obra consultada interessou à pesquisa. Logo após, foi feita uma leitura seletiva, para determinar o material que de fato interessava seguida de uma leitura analítica dos textos selecionados, que teve como finalidade ordenar e sumariar as informações contidas nas fontes, de forma que essas possibilitassem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa. E por fim, uma leitura interpretativa.

A segunda etapa metodológica foi o levantamento e análise de dados primários, que constituem a base de dados da pesquisa. Esses dados foram obtidos através da aplicação de entrevistas semiestruturadas. Conforme Gil (1999) a entrevista é uma forma de diálogo em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação sobre a temática proposta. A escolha da entrevista semiestruturada possibilita maior flexibilidade e permite novas reflexões de investigação científica (Manzini, 2003 *apud* Dias, 2023). No caso específico deste trabalho, a partir das entrevistas, começamos a perceber o Festival América do Sul como um território em rede articulado em diferentes escalas geográficas e pensamos em novas categorias de análise como felicidade, bem-estar, geração de emprego e renda. No total, foram realizadas 30 entrevistas, sendo 4 com gestores e ex-gestores da Fundação de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul; 2 com os idealizadores do Festival América do Sul; 4 com funcionários da Fundação de Cultura do Estado; 5 com artistas que atuaram no evento e 15 junto ao público participante do evento, de diferentes nacionalidades (brasileiros, bolivianos, chilenos peruanos, venezuelanos, colombianos). As questões norteadoras visavam compreender a percepção das pessoas.

Na terceira etapa houve levantamento e análise de material documental, notadamente, a programação do Festival América do Sul desde a primeira edição e reportagens on-line sobre o evento. Esse material foi coletado junto a Fundação de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul, ao Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul – MIS, ao site do evento¹ e junto aos jornais on-line que publicaram matérias sobre o festival.

A pesquisa contou com a vivência das pesquisadoras em campo, participando do festival, desde a primeira edição em 2004, e participando da fronteira Brasil-Bolívia em questão. A proposta inicial foi analisar toda a documentação desde a primeira edição e coletar dados das edições de 2020 e 2021. Entretanto, a pandemia

¹ <https://www.festivalamericadosul.ms.gov.br/>

do Covid 19 inviabilizou a realização das edições de 2020 e de 2021², impossibilitou as entrevistas e dificultou o acesso as informações das edições anteriores junto a Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Em consequência, ocorreram problemas como: reagendamento de entrevista para 2022 e 2023, necessidade de redefinição do recorte temporal da pesquisa, e reorganização do cronograma.

O Festival América do Sul é um evento cultural que recebe, em média, 100 mil pessoas por ano, segundo a Fundação de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul. Uma festa que possibilita o encontro e a celebração em torno de um desejo comum direcionado à integração regional e ao fortalecimento do pertencimento e da identidade fronteiriça e sul-americana conforme mencionado pelos seus idealizadores e gestores em entrevistas apresentadas ao longo deste artigo. Esses objetivos são alcançados? Qual a percepção das pessoas sobre o evento? Este artigo busca responder a estes questionamentos e revelar como o festival cria ou fortalece, pela ação da política cultural e pela participação das pessoas, a identidade territorial, repleta de significados simbólicos, objetivos e subjetivos, que ressalta o sentimento de pertencimento sul-americano. Conforme Hobsbawm (2013), não por acaso na globalização o número de festivais, encontros, festas, se multiplicam. Os processos globais de padronização não foram capazes de suprimir, e nem mesmo superar, as especificidades regionais.

Cultura e identidade

Na visão Ortiz (1994), a cultura é um agrupamento de princípios, de normas éticas, de linguagem, de costumes, de crenças, de formas de vida, cujos resultados são corporificados em arte, comportamento, estilo de vida, moda, alimentação, comunicação, relações de produção e de trabalho, e campo de luta que se estabelece sobre o espaço.

Claval (2001) define cultura como a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é aberta, aspecto que possibilita sua transformação no tempo. Se, por um lado, “é herança transmitida de uma geração a outra” como define Claval (2001, p. 63), por outro, as mudanças oriundas das inovações são possíveis sem, contudo, perder seus componentes fundamentais (Claval, 2001).

² Além das edições de 2021 e 2022, canceladas pela Pandemia de Covid 19, não houve edição do festival em 2017, por falta de recursos para a realização do evento, segundo a Fundação de Cultura do Estado.

A partir do universo cultural observam-se e identificam-se as percepções e concepções que os homens têm do mundo, dos lugares e dos objetos (Dias, 2023). Conforme Claval (2001, p. 89) “a cultura permite a inserção do indivíduo no tecido social, da significação à sua existência e dos seres que o circundam, e forma a sociedade do qual se sente membro”.

Cosgrove (1999, p. 101) alerta que “a cultura não é alguma coisa que funciona através dos seres humanos. A cultura necessita ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, muitas das quais são ações não reflexivas, rotineiras da vida cotidiana”. Representa um conjunto de símbolos dotados de valores que são construídos e internalizados continuamente pelos grupos sociais. E, por isso, estabelece comportamentos. Bauman (2001), ao analisar o mundo contemporâneo, definido pelo autor como modernidade líquida, alerta que padrões rígidos de comportamento podem gerar incômodos. Segundo Bauman (2001), a modernidade líquida é marcada pela flexibilidade e, em consequência, pelo multiculturalismo e hibridismo cultural. Nesta direção, Canclini (2013) discute os conceitos de multiculturalismo e de culturas híbridas. O caráter multicultural se expressa na pluralidade cultural. A hibridização, segundo o autor, é compreendida como:

Entendo por hibridização processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridização, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras (Canclini, 2013, p. XIX).

Hall (2003) indica que a globalização e a compressão espaço-tempo geram processos de reorganização cultural pelo movimento. Com a intensificação das migrações a cultura é mais plural. Nesse sentido, multiculturalismo e hibridismo estão vinculados. Haesbaert (2008, p.407) vai além e diz que “toda cultura de alguma forma nasce de uma forma de hibridismo, de uma mescla com outras culturas”. Para Costa (2012), os indivíduos e os grupos sociais são multiculturais, participando de um ou mais circuitos de identificação.

Da cultura nasce a identidade. O modo como o indivíduo e o grupo social compreendem e apreendem a cultura é o que permite a construção da identidade. Conforme Bauman (2005) é por meio do processo de autocategorização ou identificação, que uma identidade é formada e gera pertencimento.

Castells (1999, p. 22) define identidade como “o processo de construção de um significado com base em um atributo cultural ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado”. Esses significados culturais norteiam o processo de identificação e distinção do indivíduo ou de um grupo social (Araújo; Haesbaert, 2007).

Cada indivíduo interioriza suas realidades culturais de um jeito muito particular e, ao mesmo tempo, ao participar dos grupos sociais, padroniza hábitos, comportamentos, gostos, preferências (Bauman, 2005). Esse processo gera um sentimento de constituir, de pertencer, de identidade. Para Castells (1999) a questão central é identificar como essa identidade se constrói, a partir de que, por quem e porque isso ocorre. Assim, as identidades valem-se da história, da geografia, da biologia, das instituições produtivas, da memória coletiva.

Claval (2001) aponta que a família e a comunidade local representam as matrizes que asseguram e exercem o poder simbólico de transmissão de uma parte essencial da vida social. A partir daí, o indivíduo constrói o sistema cultural do qual ele participa. Esse sistema é constituído por papéis e status institucionalizados que envolvem desde a divisão econômica do trabalho, aos preceitos morais inculcados desde a infância e que marcam profundamente as consciências individuais, até o território de vida e de trabalho.

Corroborando com essa perspectiva, Hall (2005) revela que as identidades são construídas a partir das raízes culturais (herança, memória, passado) e, também, a partir de mudanças e tendências sociais (futuro). Não é apenas ser, mas, tornar-se. Pode-se argumentar, portanto, que a identidade é dinâmica, carregada de significado e de experiência e só se define em relação à outra, o que implica na busca de reconhecimento e de pertencimento (Haesbaert, 1999).

A alteridade é aqui fundamental. O homem social interage e interdepende de outros indivíduos. A existência do “eu” só é permitida mediante o contato com o outro, com o existir social. É a partir dessa relação dialética entre o “eu” e o “outro” (o grupo social), que as aspirações e desejos individuais e coletivos são construídos. O universo é relacional e simbólico. Deve-se destacar, como afirma Giddens (2002), que o “eu” não é uma entidade passiva, determinada por influências externas. Os indivíduos contribuem para as construções culturais, para as suas conseqüências e implicações.

Foucault (1989) alerta que a construção da identidade individual não é simples e pensar a identidade coletiva, que exija semelhança e igualdade, é particularmente difícil. Castells (1999) define essa construção como identificação simbólica. Ocorre através da internalização, da autoconstrução e da individualização, organizando significados para o indivíduo e para o grupo social. Por isso, a construção do “nós” é simbólica, idealizada e, muitas vezes, “normalizadas” a partir das percepções individuais e coletivas. Nas palavras de Haesbaert (1999, p. 175) “é no encontro ou no embate com o outro que buscamos nossa afirmação pelo reconhecimento daquilo que nos distingue”.

Para Schopenhauer (*apud* Maffessoli, 1995, p. 123) “o mundo é uma representação” e a identidade é o efeito dramático: o *self*, a *performance*. Goffman (1969) define identidade como a maneira como o indivíduo se apresenta na vida cotidiana. Novamente a dimensão simbólica que envolve interpretações e desejos distintos, relacionados à maneira pela qual cada indivíduo se impregna da cultura dos grupos onde vive.

Hall (2005) elabora três formulações distintas para a identidade: o sujeito do iluminismo, focado na identidade de uma pessoa independente das relações estabelecidas; sujeito sociológico, em que a constituição identitária do eu não é autônoma e sim construída nas relações com outras pessoas importantes para o indivíduo; e o sujeito pós-moderno com identidade múltipla e híbrida.

O sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (...) (Hall, 2005, p. 12-13).

Se a cultura é híbrida, na pós-modernidade ou modernidade líquida, a fluidez prevalece na construção identitária.

As identidades perdem assim seu caráter mais estabilizado em torno de uma cultura e de fronteiras bem definidas (especialmente no que se refere às fronteiras nacionais), criando novas posições de identificação, mais plurais, menos unitárias e estáveis. No mundo de crescente mobilidade, viveríamos numa espécie de produção de identidades constantemente “em movimento” (Haesbaert, 2008, p. 406).

Vivemos, portanto, um tempo em que “tudo que é sólido se desmancha no ar”³ como previsto por Marshall Berman. A ordem rígida e rotineira da vida é substituída pela complexidade, leve e flexível, resultando em novas e fragmentadas identidades, que convivem entrelaçadamente com “velhas” identidades. Modernidade e pós-modernidade coexistem nas relações contemporâneas (Bauman, 2001; Hall, 2005).

Claval (2001) salienta a importância do território na produção cultural e identitária dos grupos sociais. Para o autor, o território exerce um duplo papel: é ao mesmo tempo suporte e matriz cultural. Na análise de Hall (2005), todas as identidades estão localizadas no tempo e no espaço. Wagner e Mikesell (2007)

³ Referência ao título do livro de Marshall Berman editado no Brasil em 1986.

salientam que a cultura não considera o indivíduo de forma isolada, mas, o grupo social atrelado ao recorte espacial.

Em outras palavras, o conceito de cultura oferece um meio para classificar os seres humanos em grupos bem definidos, de acordo com características comuns verificáveis, e também um meio para classificar áreas de acordo com as características dos grupos humanos que as ocupam (Wagner; Mikesell, 2007, p. 28).

Nessa mesma linha, Haesbaert (1999) afirma que o território é carregado de sentido, de símbolos, de significados para as pessoas, carregando as marcas do espaço vivido, do espaço simbólico e, ao mesmo tempo, concreto. Assim, a identidade cultural, na visão de Haesbaert (1999, p. 178) “é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta identidade parte do ou transpassa o território”. A Identidade territorial implica, portanto, em relação de semelhança, de sentido comum, de identificação, de pertencimento a um determinado recorte espacial⁴. Na visão de Sack (1986) uma expressão de poder para pertencer, influenciar e controlar uma determinada porção do espaço onde vigora a forma de comunicação e de comportamento que explicita controle de acesso e diferenciação em relação ao externo. O poder é simbólico, subjetivo e sutil (Bourdieu, 2005, p. 7) e envolve desde microterritórios, construído na escala local, até macroterritorialidades. Todas agregam aquilo que as identifica, podendo ou não estabelecer uma relação de enraizamento profundo (Heidrich, 2007).

O território é conceituado como um espaço definido e delimitado por relações de poder. Seja o poder de dominação de um grupo sobre outro, ou de apropriação simbólica, construído por dinâmicas sociais de territorialização que trazem o poder da identidade (Souza, 1995; Haesbaert, 1999). Fruto do território, a territorialização é entendida como “relação de domínio ou apropriação do espaço” (Haesbaert, 2004, p. 339). E a territorialidade é a área de abrangência de uma organização territorial e envolve fundamentalmente identidade, comportamento territorial e interações humanas (Soja, 1971).

Como espaço-tempo são indissociáveis, as identidades nacionais, sólidas e rígidas típicas da modernidade, com seus símbolos e signos, expressos através de um conjunto de objetos nacionais de diferenciação, são fortalecidas, e passam a conviver com multiterritorialidades, ou seja, identidades socioterritoriais múltiplas, diversas. A multiterritorialidade é igualmente importante e predomina na pós-modernidade (ou modernidade líquida). É marcada pela fragmentação, pela flexibilidade e possibilita vivenciar, simultaneamente ou sucessivamente,

⁴ O espaço é conceituado por Santos (2008, p. 63) como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações ou de formas-conteúdo e deve ser pensado na sua relação com o tempo.

os diferentes territórios (Haesbaert, 2004). Conforme Haesbaert (2008, p. 338), “a identidade é fortalecida mesmo e, sobretudo, na fluidez”.

Como território é poder, disputas territoriais são traçadas a partir da identidade e relações de dominação são percebidas, vivenciadas e reproduzidas socialmente. O poder simbólico poder ser utilizado como instrumento de dominação.

[...] É necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (Bourdieu, 2005, p. 8).

Nesse sentido, o poder da identidade exige negociações, disputas e lutas pela afirmação de uma determinada forma de representação. Produz territórios específicos com manifestações de territorialidades distintas. Ao mesmo tempo, possibilita a reprodução de desigualdades historicamente construídas e relações de dominação social e espacial que se perpetuam com a anuência de dominantes e dominados (Bourdieu, 2005). A identidade tem, portanto, um caráter estratégico como afirma Bauman (2005), na medida em que pertencer cria vínculo e enraizamento.

Identidade, sempre que se ouvir esta palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega (...). A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa absoluta de ser devorado (Bauman, 2005, p. 83)

O “meu” lugar no mundo passa a receber redes territoriais sobrepostas e interdependentes produzidas pelo movimento econômico, social e cultural. Espaço são ressignificados e isso nem sempre é fácil ou simples. O fortalecimento da identidade territorial se expressa, nessa ótica, como uma possibilidade de frear movimentos de transformação ou, por outro lado, permitir a existência de novos grupos que fomentam a necessidade de reinterpretar sua identidade territorial.

O Festival América do Sul é um evento cultural repleto de sistemas simbólicos que levam ao fortalecimento da identidade sul-americana e fronteiriça à luz de suas experiências imediatas, passadas e projetadas. A identidade, como afirma Hall (2005, p. 71) esta profundamente envolvida em processos de representações. Não por acaso, o festival nasce e se consolida na fronteira Brasil – Bolívia. Tem dois propósitos claros: estimular o pertencimento regional e fortalecer a economia local.

O Festival América do Sul

A Constituição Federal Brasileira de 1988 destaca a cultura como um direito coletivo fundamental ao exercício da cidadania. Cabe ao Estado, em diferentes níveis de governo, o dever de garantir a efetivação desse direito.

A necessidade de organizar as políticas públicas culturais é colocada acima de tudo pela Constituição Federal, que remete ao Estado a obrigação de garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e define o patrimônio cultural como todos os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, que fazem referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, incluindo seus modos de criar, fazer e viver (Brasil, 1988, art. 215; 216).

A política pública cultural tem por objetivo principal democratizar, diversificar e fomentar o acesso aos bens, materiais e imateriais, e aos serviços culturais.

Conforme Claval (1999) a cultura permite a percepção do real, os meios para modificá-lo e os sonhos. O Festival América do Sul nasce em 2004 com essa finalidade. Transpor o preconceito e a invisibilidade da fronteira sul-americana com o objetivo de promover a integração regional e fortalecer os vínculos que nos une.

Foi conceituado como um fórum de debates e de expressões culturais voltado para a integração sul-americana, para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e para a consolidação da identidade fronteiriça, segundo Pedro Ortale, coordenador geral do Festival América do Sul em 2004. Justamente no momento em que o Brasil se empenhou para consolidar uma geopolítica de maior articulação com os países vizinhos.

O Festival América do Sul foi concebido como um fórum de discussão e reflexão sobre a integração da América do Sul e fortalecimento da identidade regional. Todas as atividades estavam impregnadas do conceito de integração. Os debates envolviam temas como correlação territorial e cultura sul-americana, turismo, meio ambiente e fronteira. Grandes personalidades, que trabalhavam pela integração regional, foram homenageadas. As escolas, brasileiras e bolivianas, foram envolvidas, grandes nomes da cultura e da intelectualidade da América do Sul estiveram presentes, o Itamaraty e o Ministério da Cultura do Brasil se apropriaram do conceito e conduziram o processo (Pedro Ortale, coordenador geral do Festival América do Sul e Presidente da Fundação de Cultura no período de 2003 a 2006. Entrevista realizada em 2023).

Como reflexo, a preocupação com o equilíbrio da programação, dando visibilidade as expressões culturais do Brasil, da Bolívia, do Chile, da Colômbia,

do Equador, do Paraguai, do Uruguai, do Peru e da Venezuela (gráfico1). E uma governança compartilhada com a Bolívia.

Gráfico 1: Distribuição da Programação entre os países no Festival da América do Sul de 2004



Fonte: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2020.

Para o Mato Grosso do Sul a possibilidade de se perceber como um estado fronteiriço e de valorizar o seu patrimônio histórico e cultural a partir desta percepção. Nas palavras de Belchior Cabral:

Queríamos construir um festival que colocasse o Mato Grosso do Sul onde ele realmente está em termos de sua geografia e de sua cultura. Foi um período em que o estado viveu a promoção de sua expressão cultural, autônoma e criativa. Uma cultura historicamente subjugada se mostrava pulsante, impregnada de fronteira, contendo a força do que isto significa. Ao mesmo tempo em que se percebeu, Mato Grosso do Sul foi percebido pela América do Sul. A imprensa espanhola cobriu a vinda de Fito Páez, cantor e compositor argentino, conhecido internacionalmente. A historiadora e colunista uruguaia Ana Ribeiro fez um registro extraordinário sobre seu olhar para o Festival, para Corumbá e para a fronteira. O escritor paraguaio Roa Bastos fez uma reflexão sobre a mudança de postura do Brasil frente à América do Sul, e mandou uma carta ao presidente Lula, parabenizando o país pela ruptura com o isolamento em relação aos demais países sul-americanos. O Itamaraty lançou e abraçou o Festival América do Sul. Foram cinco Ministros de Estado na abertura, em 2004. (Belchior Donizete Cabral, co-coordenador do

Festival América do Sul e produtor executivo das edições de 2004, 2005 e 2006. Entrevista realizada em 2023).

A escolha da fronteira Brasil-Bolívia entre Corumbá/Ladário e Puerto Quijarro/Puerto Suárez é parte desse processo. Trata-se de uma fronteira viva de alta integração formal e funcional⁵ (Oliveira, 2005), com Corumbá e Puerto Quijarro consideradas cidades gêmeas⁶. Integração não é sinônimo de hibridismo identitário, como menciona Albuquerque (2010), porém, nesta fronteira, culturas se misturam e incorporam um ou mais elementos de uma e de outra nacionalidade. Em consequência, observa-se a produção de um espaço multiterritorial⁷, de referencia identitária, evidenciada no uso da expressão “eu sou fronteiriço” por seus moradores (Nogueira, 2007; Cesco, 2012). A identidade híbrida (nacional e/ou fronteiriça) é acionada de acordo com os interesses da população. Na mesma proporção, uma fronteira permeada por preconceitos e tensões. A arrogância é, sobretudo, brasileira e se expressa em diferentes espaços da vida cotidiana, onde conflitos são comuns (Araujo; Conceição; Carvalho, 2015).

Corumbá (MS) exerce uma centralidade e, por isso, a cidade é à base de gestão do Festival América do Sul e concentra as principais atrações culturais. Além da posição geográfica, sua importância histórica, sua infra-estrutura urbana e turística e a sua tradição na organização e execução de um calendário anual de festas e de eventos foram determinantes na definição desse espaço.

⁵ Oliveira (2005, p. 388) estabelece uma tipologia de fronteira. As fronteiras vivas, de alta integração funcional e formal, são aquelas caracterizadas por relações e trocas intensas que produzem espaços próprios comuns que perpassam limites estabelecido pelos Estados Nacionais. Uma região pulsante de ir e vir populacional com interações que independem da burocracia, estatal ou econômica. Ha complexidade social dada pela interação e, por outro lado, tensões próprias de uma fronteira que possui o limite internacional no seu interior.

⁶ Cidades gêmeas são cortadas pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, integrada ou não por obra de infra-estruturar, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar a unificação da malha urbana com cidade do país vizinho. Não serão consideradas cidades gêmeas aquelas com população inferior a dois mil habitantes (Ministério da Integração Nacional).

⁷ Multiterritorialidade significa vários territórios com relações de poder distintas, do mais material, contido nas relações econômicas e políticas, ao poder simbólico, construído por identidade (Haesbaert, 2004). Conforme Haesbaert (2008, p. 338) “O que entendemos por multiterritorialidade (...) é consequência direta da predominância, especialmente no âmbito do chamado capitalismo pós fordista ou de acumulação flexível, das relações sociais construídas através de territórios-rede, sobrepostos e descontínuos, e não mais territórios-zona, que marcaram aquilo que podemos denominar de modernidade clássica territorial-estatal. O que não quer dizer, em hipótese alguma, que essas formas mais antigas de território não continuem presentes, formando um amálgama complexo com as novas modalidades de organização territorial”.

No governo do Dr. Wilson Barbosa Martins⁸ foi criado, em 1996, um festival de música em Ponta Porã chamado de Festival do Mercosul. Tinha o objetivo de dar visibilidade à cultura fronteiriça, destacando a relação com o Paraguai. Entretanto, Ponta Porã não tinha infra-estrutura turística para receber o evento, que durou apenas dois anos na cidade e, depois, foi realizado, por mais dois anos, em Campo Grande. Corumbá, por outro lado, possui infra-estrutura para receber um festival do porte do América do Sul. Mas, olha o antagonismo: no espaço urbano do município a rede de hotéis e de restaurantes é satisfatória se comparada às demais cidades do estado de Mato Grosso do Sul, porém, pode ser considerada pequena se confrontada a outras cidades turísticas do Brasil, ou mesmo a capital, Campo Grande. E isso, ao meu ver, interfere negativamente na integração durante o evento, pois, dificulta o encontro entre os artistas, os intelectuais, o público e os organizadores que participam do Festival. Como a rede turística é pequena, quando um grupo de teatro, por exemplo, chega à cidade, um outro, de música ou de dança, precisa sair para liberar as acomodações. A rede hoteleira adjacente, de Ladário, Quijarro e Suárez, é, também, insuficiente. Mas, na fronteira, só Corumbá tem capacidade para receber este festival e, mesmo assim, conta com o apoio das cidades vizinhas (Neusa Narico Arashiro – funcionária de carreira da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Entrevista realizada em 2023).

A cidade, considerada cosmopolita no final do século XIX, possuía intensa articulação internacional via rio Paraguai (Esselin, 2003). Contudo, o projeto de integração do território nacional rompe a intensidade dessa conexão e Corumbá volta-se para o Brasil. Isso explica a não aceitação, de início, da proposta de um festival voltado para a fronteira pela rede de agentes e atores locais, como menciona Pedro Ortale em entrevista:

Inicialmente a prefeitura de Corumbá não entendeu a proposta. Eles queriam um festival de Samba, mas, o governador Zeca do PT, tinha uma perspectiva apurada da cultura como instrumento de cidadania e de identidade. Ele desejava criar um evento na cidade que chamasse a atenção para a fronteira e nos deu autonomia para realizar o projeto (Pedro Ortale, coordenador geral do Festival América do Sul e Presidente da Fundação de Cultura no período de 2003 a 2006. Entrevista realizada em 2023).

Com o sucesso do Festival América do Sul essa posição foi reconsiderada, conforme relato do produtor executivo do evento, Belchior Cabral.

⁸ Governador do estado de Mato Grosso do Sul por duas vezes não consecutivas. O primeiro período foi de 1983 a 1986 e, o segundo, de 1995 a 1999.

Em 2007, houve uma tentativa do governo estadual de acabar com o Festival América do Sul, mas, Corumbá e Ladário se uniram e não deixaram isso acontecer. O festival permanece, embora modificado da proposta inicial. Hoje voltado, sobretudo, para grandes shows nacionais de entretenimento (Belchior Donizete Cabral, co-coordenador do Festival América do Sul e produtor executivo das edições de 2004, 2005 e 2006. Entrevista realizada em 2023).

A mudança no governo de Mato Grosso do Sul, de Zéca do PT (1999 - 2007) para André André Puccinelli (2007 - 2015), manteve o eixo central de conceituação do Festival América do Sul e sua estrutura interna, focada em debates e discussões sobre fronteira, identidade e integração sul-americana, mesclada com atividades artísticas e culturais do Brasil e dos países vizinhos. A Fundação de Cultura, gerida pelo novo governo, estabelece um protocolo de parceria com o Memorial da América Latina, em São Paulo, para a curadoria do Festival. Conforme o Memorial América Latina:

O **Memorial da América Latina**, fundado há 20 anos em São Paulo com a missão de integrar os países latino-americanos por meio da cultura, participa da curadoria compartilhada do **6º Festival América do Sul**, que acontece em Corumbá (MS), na fronteira com a Bolívia, de 29 de abril a 3 de maio. Os curadores são Fernando Calvozo (Memorial) e Linda Benites (MS). O Festival reúne Brasil, Colômbia, Chile, Argentina, Uruguai, Equador, Bolívia, Paraguai, Venezuela e Peru com atrações diversificadas nas áreas de música, dança, teatro, literatura, cinema e vídeo, artes plásticas, palestras, cursos e oficinas. Como parceiro, o Memorial se encarregou de programar algumas atrações do Festival, entre elas, o projeto Conexão Latina, que une diferentes vertentes da música latino-americana, incluindo a brasileira. Essa curadoria levou o Memorial a convidar artistas radicados em São Paulo que fazem músicas latino-americanas. São eles De Puro Guapos, orquestra típica de tango, liderada pelo argentino morador de Sampa, o bandoneonista Martín Miro, e mais seis paulistas; e Pedro La Colina & Sexteto Canaveral, que fazem uma mistura de ritmos latinos, com destaque para a salsa. Pedro La Colina é chileno e os outros músicos, brasileiros. A programação de cinema do festival ficou por conta do Memorial, que reuniu filmes de seu acervo como o clássico cubano “Memórias do Subdesenvolvimento”, de Tomás Gutierrez Alea, o mexicano “Amores Perros”, de Alejandro González Iñárritu, o argentino “Iluminados por el Fuego”, de Tristán Bauer, sobre a Guerra das Malvinas. O brasileiro “Diários de Motocicleta”, de Walter Salles, sobre as viagens de Che Guevara pela América do Sul, entre muitos outros. O Memorial levará também para Corumbá a Mostra de croquis/imagens de Oscar Niemeyer, com curadoria do professor da FAU-USP, Rodrigo Queirós, e uma série de palestrantes, entre eles, Walter Malta, que falará sobre “O Fórum Latino-Americano de 2010 em Buenos Aires”. Participarão do festival artistas como Mercedes Sosa, Elza Soares, Zeca Baleiro, Paralamas e Luiz Melodia, La Secreta (Paraguai), Grupo de Dança e Música Inca (Peru), Grupos Caporales (dança folclórica boliviana), entre outros. O lançamento do evento em São Paulo aconteceu no dia 7 de abril com show do cantor Almir Sater no Auditório Simon Bolívar, do Memorial. O festival tem programação gratuita⁹. São Paulo, 22 de abril de 2009.

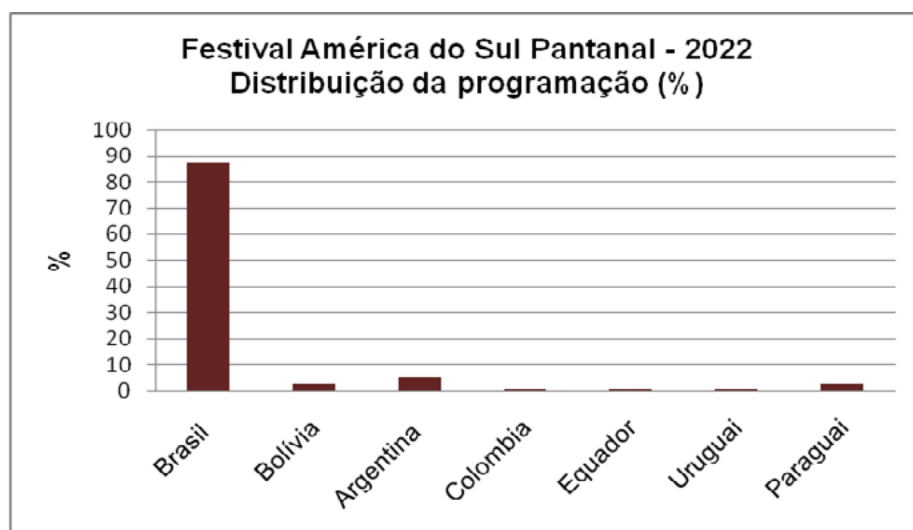
⁹ Memorial da América Latina. Disponível na internet via: <https://memorial.org.br/memorial-participa-da-curadoria-do-6o-festival-america-do-sul-em-corumbams/> Acesso em: maio 2022.

O trabalho conjunto foi crucial para a difusão do evento e sua diversificação artística, com a seleção e apresentação de artistas pouco conhecidos, mas, de relevância para o propósito do Festival.

A parceria com o Memorial América Latina possibilitou a vinda de artistas desconhecidos do Brasil e dos países vizinhos. Isso ampliou o leque de possibilidades artísticas sem perder a qualidade do Festival. Foram promovidos encontros fantásticos. E houve a mistura entre artistas e intelectuais consagrados com novas expressões de qualidade e profundidade necessárias a um festival como este (Neusa Narico Arashiro – funcionária de carreira da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Entrevista realizada em 2023).

A partir de 2016, governo Reinaldo Azambuja (2015 - 2023), a Fundação de Cultura promoveu mudanças significativas na estrutura do evento. A ênfase é dada ao Brasil, aos artistas nacionais, com o predomínio de grandes shows musicais e artistas consagrados. Houve diminuição dos espaços de diálogos e debates sobre o continente. A reestruturação promoveu, inclusive, a mudança de nome do evento, que foi rebatizado de Festival América do Sul Pantanal. A edição de 2022 (16ª edição), última na gestão deste governo, teve como tema “Pulsção da arte latino-americana”, entretanto, o festival ficou ainda mais brasileiro e sul-matogrossense, com homenagem ao centenário da Semana de Arte Moderna, que ocorreu em São Paulo, em 1922 (gráficos 2 e 3).

Gráfico 2: Distribuição da Programação entre os países no Festival da América do Sul de 2022



Fonte: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2022.

Gráfico 3: Distribuição da Programação entre os estados no Festival da América do Sul de 2022



Fonte: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2022.

Tais mudanças foram percebidas pelo público e pela equipe de trabalho que, em suas falas, enfatizaram a perda de interesse da política cultural na América do Sul.

As primeiras edições do Festival América do Sul eram mais voltadas para a integração e fortalecimento do pertencimento sul-americano e da fronteira com a Bolívia. Havia uma forte presença da Bolívia e, mesmo com a maior parte das atividades acontecendo na cidade de Corumbá, tínhamos uma melhor distribuição de atrações entre as cidades que compõem esta fronteira. Com o passar do tempo, senti que o festival foi se desconfigurando, com predominância de grandes shows de artistas brasileiros em detrimento da diversificação cultural e artística internacional e do debate como eixo de condução da discussão fronteiriça (Elis Nogueira, produção de imagens do Festival América do Sul. Entrevista de campo, 2023).

Os entrevistados ressaltaram, inclusive, a diminuição do tempo e da quantidade de atrações e os problemas com divulgação em cima da hora e alterações de datas.

Venho ao festival desde a primeira edição como corumbaense e fronteiriço me sinto feliz ao perceber a participação dos países, sobretudo, a Bolívia. Infelizmente, percebo que o festival vem perdendo a sua essência de debate, diálogo e manifestações artísticas diversas da América do Sul. O festival está menor e a cada ano vem diminuindo por causa da falta de incentivo do governo federal. Os expositores se sentem prejudicados com a diminuição das vendas. (Wellinton Dias, brasileiro, frequentador de todas as edições do Festival. Entrevista realizada na edição de 2022).

Venho sempre que posso, Essa é a minha 10ª vez no festival. Tive a oportunidade de ver espetáculos de outros países, de outros estados brasileiros e também do nosso estado, que nos passam despercebidos e são de excelente qualidade. Estamos na fronteira e percebemos essa influência na comida, e na cultura em geral. Mas, as mudanças de datas dificultam o nosso planejamento para vir. Sinto, também, que antes tínhamos mais participação dos outros países, o que era maravilhoso para poder conhecer sem viajar. (José Reis, brasileiro, frequentador do festival. Entrevista realizada durante a edição de 2019).

Está difícil trabalhar no Festival América do Sul. Não há organização, nosso espaço é pequeno e temos que vir por conta própria. As vendas caíram e não compensa tanto esforço para trabalhar e não ganhar. (Elvira Garcia, peruana, trabalha na venda de artesanato peruano no espaço Pavilhão dos Países. Entrevista realizada durante edição de 2019).

O material visual de comunicação seguiu o movimento de alterações. De início a construção de uma comunicação visual voltada para a priorização da fronteira sul-americana. A partir da edição de 2016, a ênfase recai sobre Corumbá, Pantanal e Brasil. A expressão dessa arte é retratada nas edições de 2004, 2013, 2014, 2015, 2016, 2018, 2019 e 2022 (figura 1). Ressaltamos a dificuldade em encontrar o material de comunicação visual do festival, sobretudo, das edições mais antigas. Salientamos, ainda, o cancelamento das edições de 2017, por falta de recursos financeiros, e de 2020 e 2021, em função da Pandemia de Covid 19.

Figura 1: Comunicação Visual do Festival América do Sul

 <p>Edição de 2004 (1ª edição). Identidade visual expõe de forma clara os países fronteiriços.</p>	 <p>Edição de 2013 (10ª edição). Identidade visual revelando a cultura sul-americana.</p>
 <p>Edição de 2014 (11ª edição). Identidade visual dando destaque para a diversidade da América do Sul.</p>	 <p>Edição de 2015 (12ª edição). Identidade visual sem pertencimento.</p>



Edição de 2016 (13ª edição). Destacando o Pantanal e a fronteira com a Bolívia.



Edição de 2018 (14ª edição). Identidade visual com ênfase na arte gráfica.



Edição de 2019 (15ª edição). Identidade visual destacando Corumbá, Pantanal e a fronteira.



Edição 2022 (16ª edição). Destaque para a música regional e para a Semana de Arte Moderna de São Paulo.

Fonte: Edição de 2004, Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul – MIS¹⁰. Demais edições, Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul¹¹.

¹⁰ Disponível na internet via: <https://amigosdomis.webnode.com.br/products/festival-america-do-sul-2004/>

¹¹ Disponível na internet via: <https://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/integracao-e-cultura-festival-america-do-sul-pantanal-tem-nova-data/>. Acesso em: jan. 2023.

As mudanças implementadas a partir de 2016 não foram capazes de alterar a percepção do público sobre o objetivo traçado em 2004. As falas convergem, racional e subjetivamente, para o pertencimento, o fortalecimento da identidade sul-americana e fronteiriça e para a integração regional. Revelam, ainda, uma fronteira multiterritorial marcada pelo hibridismo cultural.

Sou corumbaense, mas, moro em Campo Grande. Adoro cultura e frequento todos os festivais e festas do estado, sempre que posso. Venho ao Festival América do Sul desde 2004 e sinto que além do entretenimento, que é ótimo, há trocas, debates que nos levam a reflexões sobre a nossa posição no América do Sul. Conhecemos outras culturas, mas, tais culturas já estão inseridas na rotina brasileira e, sobretudo, sul-mato-grossense, principalmente na gastronomia e na música. Então, com o clima de festa, de confraternização, temos maior clareza e nos sentimos sul-americanos. A fronteira é pulsante. As ruas e praças ficam lindas. O momento mais inesquecível, para mim, foi à edição de 2018, quando a Orquestra Boliviana entrou na igreja de Corumbá, emocionando a todos com sua arte e unificando, através da música, os povos em um só. O preconceito se quebrou e foi riquíssimo (Rogéria da Fonseca, brasileira, frequentadora do Festival. Entrevista realizada em 2023).

Primeira vez que participo do Festival. Fui convidado a participar e senti muita alegria por vir. Frequento, diariamente, os dois lados da fronteira e para mim, ser fronteiriço faz parte da minha vida. Estamos no centro da América do Sul e isso sou eu: boliviano, fronteiriço, sul-americano (Edilson Fernandez, Artista boliviano com atuação na edição de 2019. Entrevista realizada na edição de 2019).

A imersão no universo cultural sul-americano permite a expansão da consciência sobre si, os outros e a região. A festa provoca o encontro de forma descontraída, livre e libertária. Possibilita a sociabilidade, reafirma os laços de solidariedade e de união, e o fortalecimento do sentimento de pertencimento e de identificação.

Considerações finais

O Festival América do Sul foi concebido e representa uma ação da política pública cultural voltada para a integração regional e consolidação da identidade sul-americana e fronteiriça. Há clareza de que a cultura é uma dimensão da vida fundamental à existência humana, pois, nutre e fortalece as relações, reafirmando os vínculos e o sentido de pertencimento e de identidade.

Como exemplo analisado neste artigo, o Festival América do Sul, um espaço simbólico, um território apropriado coletivamente, que resiste e insiste na valorização sul-americana e fronteiriça. Sua forma-conteúdo, sua periodicidade, sua marca, contribuem para o fortalecimento dessa identidade.

A dimensão econômica está presente e é importante, entretanto, é a cultura que determina sua existência. A apropriação coletiva institui as marcas de uma identidade comum e isso não se dissolve pela vontade política de gestores menos sensíveis a fronteira. Isso fica evidenciado nas falas dos entrevistados. Falas que convergem para a percepção de vínculo e de pertencimento a América do Sul e a Fronteira. O território corresponde a esta lógica simbólica de construção coletiva.

Um festival que contém a alegria, a celebração, o prazer, o encontro em prol de um objetivo comum. Nesse aspecto, simboliza o consentimento à vida (Maffesolli, 2007). Ao mesmo tempo, como um evento produzido pela política pública cultural de Mato Grosso do Sul, ressignifica o olhar dos sul-mato-grossenses para a fronteira sul-americana. Olhar esse que, negligenciado ao longo do século XX, se percebe como parte integrante de uma região construída a partir de um processo histórico comum.

A concepção do Festival América do Sul como um instrumento cultural voltado para a integração regional sul-americana é sutil, não tão clara como o sentimento de identidade. Esse processo pressupõe a cooperação internacional, no entanto, o Brasil é o único responsável pelo evento e no momento de construção inicial desse território, o país buscava uma posição de centralidade na América do Sul, como mencionado nas entrevistas com os seus idealizadores. Contudo, o território Festival América do Sul é produzido em um espaço fronteiriço integrado pela dinâmica social e esse processo é reforçado, com sobreposição deste território sobre as cidades de Corumbá, Ladário, Puerto Quijarro e Puerto Suárez

Por fim, destacamos que a cultura como instrumento de política pública, desata os “nós” de exclusão social permitindo o acesso aos bens culturais, materiais e imateriais, e facilitando relações entre diferentes realidades. Contribui para quebrar preconceitos e mudar a forma de ver e perceber o mundo. E isso é o sentido de cidadania.

Referencias Bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. Ministério da Integração define conceito de cidades gêmeas. Publicado em 24 mar. 2014. Atualizado em 13 ago. 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariadegoverno/pt-br/portalfederativo/arquivos-privados/noticias/midias/ministerio-da-integracao-define-conceito-de-cidades-gemeas>. Acesso em: 5 jul. 2021.

- ALBUQUERQUE, J. L. C. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.
- ARAUJO, A. P. C. de; CONCEIÇÃO, O. F.; CARVALHO, L. C. de. A arrogância revelada no conflito: bolivianos e brasileiros no espaço escolar de Corumbá (MS). **Revista Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 145-162, 2015.
- ARAUJO, F. G. de; HAESBAERT, R. (Orgs.). **Identidades e territórios**: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Acess, 2007.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1 mar. 2024.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Ed. USP, 2013.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CESCO, D. **Fronteira de sentidos**: os sabores do Pantanal. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2012.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.
- CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
- COSGROVE, D. Paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
- COSTA, E. A. Os bolivianos em Corumbá-MS: construção cultural multitemporal e multidimensional na fronteira. **Cadernos de Estudos Culturais**, v. 4, n. 7, p. 17-33, 2012.
- CORÁ, M. A. J.; SOARES, R. V.; FILARDI, A. Redes organizacionais e identidade na construção de uma cultura da festa empreendedora: o caso da Pilantragi. **Revista Pensamento e Realidade**, São Paulo, v. 34, n. 1, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade>. Acesso em: 15 dez. 2022.
- DIAS, S. M. **Festival América do Sul e sua importância na consolidação da identidade fronteiriça**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2023.
- ESSELIN, P. M. **A pecuária no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do Pantanal sul-mato-grossense (1830–1910)**. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Tese (Doutorado em História).
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOFFMAN, E. **The presentation of self in everyday life**. London: Penguin, 1969.
- HAESBAERT, R. Hibridismo cultural, mobilidade e multiterritorialidade: contradições e ambivalências. In: SERPA, A. (Org.). **Espaços culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1994.
- HEIDRICH, A. L. Aspectos da fratura socioespacial na cidade de Porto Alegre. **Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais**, Barcelona: Universidade de Barcelona, 2007.
- HOBSBAWM, E. **Tempos fraturados**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MAFFESOLI, M. **O ritmo da vida**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Orgs.). **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003. p. 11-25.
- NOGUEIRA, R. J. B. Fronteira: espaço de referência identitária. **Revista Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 27-41, dez. 2007.
- OLIVEIRA, T. C. M. de. Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos. In: OLIVEIRA, T. C. M. de. (Org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2005.
- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2008.
- SOJA, E. W. **The political organization of space**. Washington, D.C.: AAG Commission on College Geography, 1971.
- SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- WAGNER, P.; MIKESELL, M. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 27-62.